

LIMA, Lauro de Oliveira. *Tecnologia, educação e democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. Apêndice, p. 173-195.

Nota do Organizador

*O texto transcrito a seguir foi redigido por Lauro de Oliveira Lima, provavelmente em fins de 1963, como subsídio para a Campanha de Mobilização dos Estudantes Secundaristas para a Erradicação do Analfabetismo. Como Diretor do Ensino Secundário do MEC, na gestão do ministro Paulo de Tarso, Lauro de Oliveira Lima pretendia apoiar essa campanha, com orientação e recursos financeiros. O texto consta como apêndice do livro *Tecnologia, educação e democracia*, publicado pelo autor na Editora Civilização Brasileira, em 1965. A nota de rodapé na página inicial esclarece sua posição.*

*É uma das primeiras descrições do Sistema de Alfabetização Paulo Freire, feita a partir da experiência realizada nas cidades satélites de Brasília. Nesse período já eram conhecidos os artigos publicados na revista *Estudos Universitários* da então Universidade do Recife (n. 6, abril-junho 1963), mas antecede a descrição feita pelo próprio Paulo Freire no apêndice do livro *Educação como prática da liberdade*, cuja primeira edição é de 1967.*

É um documento importante, por dois aspectos: a) a referência à Campanha de Mobilização dos Estudantes Secundaristas, constante da versão mimeografada do texto, mostra a “escalada” do Sistema de Alfabetização Paulo Freire em todo o país, mesmo antes do Programa Nacional de Alfabetização (PNA), criado pelo decreto federal n. 53.465 de 21 de janeiro de 1964; b) a comparação entre as fichas de cultura usadas em Angicos, no início de 1963, as utilizadas na experiência Brasília e as desenhadas por Francisco Brennand para o PNA e aplicadas na Baixada Fluminense, no início de 1964, mostra sua evolução. Viabiliza, cada vez com maior clareza, a discussão sobre os conceitos de “ente de natureza” e “ente de cultura”, básicos para motivar uma atitude criativa do grupo de alfabetizandos.

Método Paulo Freire: processo de aceleração de alfabetização de adultos

Introdução¹

O processo foi desenvolvido por Paulo Freire e sua equipe do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, a partir de estudos de caráter sociológico e com base na teoria das comunicações, segundo se depreende da terminologia utilizada pelo autor e do aproveitamento de certas técnicas típicas dessas disciplinas.

Compreendeu o formulador do novo processo de alfabetização, pretendendo provocar profunda modificação no tipo de relacionamento do alfabetizando com a realidade, só se impõe como força motivadora se for estabelecido forte liame

¹ Encontrei este processo sendo aplicado nas cidades satélites de Brasília. Como interessado em didática e psicologia, passei a frequentar, anonimamente, os cursos, escrevendo, posteriormente, este relatório que expressa a forma como vi o processo em funcionamento, podendo acontecer, portanto, que o autor não concorde com as interpretações teóricas que me ocorreram ou que a execução dada pelos coordenadores não fosse a mais autêntica no caso de Brasília. Este relatório, pois, é apenas um depoimento individual.

psicológico entre a atividade alfabetizante e as situações de vida do analfabeto. As técnicas de alfabetização infantil parecem ao adulto algo que não merece a atenção de um homem maduro, por conter forte conteúdo lúdico, apropriado a crianças. Com relação ao adulto – mergulhado que está num tipo de cultura sedimentada, embora imprópria para enfrentar novas realidades – é preciso que a alfabetização se apresente como um instrumento que, não desmerecendo o seu *status*, tenha valor de chave para a solução de sua problemática vital. Remover os entraves psicológicos pode ser todo o pivô de uma campanha de alfabetização; de outra forma os analfabetos já teriam criado pressão social para que lhes fosse fornecido este instrumento de autopromoção. É preciso não esquecer que o analfabeto obteve, bem ou mal, um sistema de equilíbrio social em baixo nível, de modo que se exige habilidade toda especial para introduzir em sua equação vivencial elemento novo que promove o desejo de alfabetizar-se como forma de readquirir equilíbrio em nível mais elevado.

A técnica proposta pelo formulador do processo consiste em fazer a alfabetização decorrer de um processo de substituição de elementos reais por elementos *simbólicos*: primeiro *figurados* (cartazes), depois *verbalizados oralmente* (discussão), para, finalmente, chegar à fase de *sinais escritos padronizados* (leitura), sequência inversa à utilizada para as crianças, em que a leitura figura como elemento instrumental de construção e enriquecimento dos *círculos de representação* mentais. No adulto, já existindo, abundantemente, estas representações, o problema está em fazê-las figuradas e significadas a fim de permitir maior operacionalidade psicológica, só possível através de símbolos e sinais. A alfabetização – em vez de impor-se como algo estranho ao mundo psicossociológico do analfabeto – ajusta-se neste quadro como decorrência natural da tomada de consciência lúcida dos problemas. A consciência crítica (que substitui a consciência mágica) tende para a mobilidade crescente que tem como instrumento natural a utilização da leitura, porta de entrada em novo mundo cultural simbolizado pela linguagem escrita. O que se propõe ao analfabeto não é, simplesmente, a aquisição de uma nova técnica que ele não deseja e cuja utilidade não percebe: propõe-se a solução de seus problemas vitais através do manejo de um instrumento que ele utilize de forma autônoma.

Daí não admitir esse processo o emprego da cartilha (realidade artificialmente preparada e imposta para ser lida). A aprendizagem da leitura parte da identificação de certas realidades encontradas no grupo com sinais que a elas forem associadas (*palavras geradoras*). Quais seriam, então, estas palavras? Evidentemente, as que melhor expressarem a realidade psicossociológica do grupo de alfabetizados. Jamais determinados *slogans* que devessem substituir o primitivismo mágico do analfabeto (mesmo por que não é possível impor comportamentos desligados do contexto individual da pessoa).

A implantação da atividade alfabetizadora, pois, inicia-se por uma pesquisa do *universo vocabular* do grupo, o que equivale a dizer, por uma pesquisa das realidades vivenciais da comunidade que será alfabetizada. Deste universo, atribuindo-se uma valência a cada vocábulo, retira-se a amostragem que constituirá o grupo de *palavras*

geradoras, tomando-se esta expressão no duplo sentido de: a) fonte de motivação para as atividades dos *círculos de cultura* e de b) elemento multiplicador para a formação de novas palavras no processo mesmo de alfabetização.

A alfabetização, assim, funciona ora como processo catártico que fornece meios de evasão para as perplexidades até então intraduzíveis, ora como instrumento de formação de consciência crítica, ora como instrumento novo de ação para solução real ou simbólica de aspirações até então mal formuladas.

Do ponto de vista técnico, colocou ele a alfabetização como um processo de *decodificação* de uma mensagem *codificada*, aproveitando os princípios da *teoria da comunicação*. Enquanto a leitura foi vista sempre como processo de decodificação da mensagem que nela fica contida, simples recuo estratégico colocou a própria técnica de leitura como mensagem que deve ser apreendida em sua configuração formal e significativa. Em vez de chegar-se ao significado pela leitura dos sinais escritos (tendo este significado sido fornecido na fase anterior do processo) o que tem de ser decodificado é o processo mesmo de transmissão em si. É insensível a mudança do objetivo que vai do processo de leitura em si, para a obtenção de novos significados mediante a utilização da *chave aprendida*.

Por aí se vê que a atitude que se deseja do alfabetizando é inteiramente nova do ponto de vista da didática da alfabetização: em vez de matriz passiva em que se imprimem, por mero condicionamento, certos tipos de respostas automatizadas (tudo o que se tem feito em alfabetização até hoje, por mais que se variem os processos, não passa de mero esforço de condicionamento), solicita-se dele a atitude ativa de análise (decodificação) e de construção (codificação) de novas palavras, o que está rigorosamente de acordo com o tipo de atividade psicológica do adulto que tende para a operacionalidade, ao contrário da das crianças que é dominada ainda pelo ritmo da repetição que leva ao automatismo.

É surpreendente que a partir da sociologia se chegasse a um processo didático que tem ampla justificação em psicologia. Sob o aspecto da apresentação das *palavras-chave* retiradas do grande contexto vital do grupo e apresentadas dentro de uma configuração existencial, como sinal de substituição de uma realidade social e psicológica, o processo não é senão boa e correta aplicação da *teoria da forma (gestalt)*, justamente de sua parte mais válida que é a psicologia da percepção. Sob o aspecto da atitude de análise, estudo da situação e do vocábulo, decomposição da estrutura vocabular e construção de novos termos a partir das sílabas da palavra-chave, temos a boa aplicação psicogenética que explica a aprendizagem como atitude de pesquisa e de solução diante de uma *situação-problema*, de uma dificuldade cuja transposição exige reformulação dos esquemas de ação do indivíduo. Neste sentido, cremos que é a primeira vez que se propõe um método de *alfabetização de adultos*, pois os já existentes *não* são senão a aplicação das técnicas já utilizadas para a alfabetização de crianças. Só quem lidou com adultos analfabetos, em classe, pode avaliar o constrangimento de um cidadão analfabeto (mas, que em seu meio possui *status*, bem definido e respeitado pela

comunidade) diante de frases como *Vovô viu o ovo do urubu*, propostas em certas cartilhas de alfabetização de adultos.

O papel do professor neste processo é inteiramente novo: não tem como função transmitir algo, como é tradicional. Funciona como agente estimulador e catalítico, função, aliás, que se impõe hoje, didaticamente, para a atividade magisterial em todos os níveis. A técnica do *círculo de cultura* (nome dado à *classe*) é retirada dos processos de dinâmica do grupo, muito semelhante à que os norte-americanos institucionalizaram para as atividades grupais chamadas de *liderança de conferência*. O *coordenador* (nome dado ao professor) não ensina: cria uma situação de aprendizagem em que o próprio esforço motivado do aluno provoca a aprendizagem. Ora, uma função como esta não exige alta especialização em *técnicas de alfabetização*, mas apenas um pouco de liderança para fazer um grupo atuar em direção ao objetivo, podendo, perfeitamente, acontecer (como se verificou) que do próprio grupo surja a liderança, aparecendo o coordenador como mero fornecedor de elementos novos para a continuidade da atividade grupal. O coordenador começa, então, a funcionar como simples *operador*, ganhando o grupo ampla autonomia, como é altamente desejável em didática. Os métodos tradicionais exigem alta especialização de professores de alfabetização (talvez, seja o professor de quem se exige maior soma de habilidade, tanto que se atribui, em grande parte, à falta de habilitação técnica do professorado, a culpa pela percentagem de mais de 50% de alunos que não conseguem aprovação no primeiro ano de escolaridade...). Aliás, os teóricos em didática, de há muito, buscam um método que tenha rentabilidade independente da habilidade do professor, vez que jamais se conseguirá um corpo docente de homogeneidade gabaritada em alto nível.

Quando se começou a usar, para maior operacionalidade, diafilmes e projetores, aparentemente requinte técnico dispensável, percebeu-se que algo se modificava, fundamentalmente, no trabalho didático: a penumbra em que ficava mergulhada a sala para efeito de projeção dos cartazes e palavras geradoras, provoca situação psicológica favorável à desinibição dos participantes, como se a semi-escuridão eliminasse os bloqueios naturais existentes, nos primeiros momentos, nos grupos face a face, artificialmente construídos. Contudo, se os grupos são formados com certa homogeneidade provinda da identidade de moradia, profissão ou interesse, esta inibição é irrelevante.

Desde o primeiro momento surgiu o problema da conservação da habilidade adquirida na aprendizagem da leitura, problema, aliás, que é universal, seja no nível de alfabetização (nos países subdesenvolvidos), seja no nível da educação continuada (nos países desenvolvidos). Nas cidades, as oportunidades de leitura assistemática são tão difusas (cartazes, cinema, televisão, nomenclatura das ruas e veículos etc.) que o problema de conservação da habilidade em si não apresenta dificuldade. Já na zona rural, porém, é preciso pensar-se em fornecer um elemento de leitura continuada, algo como um *almanaque* que forneça material permanente de consulta, útil nas várias situações da vida do homem do campo.

A rapidez incontestável do processo baseia-se na própria técnica: em vez da aprendizagem enervante de milhares de palavras, fornece-se ao alfabetizando uma *chave de leitura* que começa a funcionar em todos os casos semelhantes, podendo-se dizer que, compreendido o processo e aplicado nas primeiras situações, está o analfabeto, tecnicamente, alfabetizado, consistindo a atividade, daí por diante, na aplicação do número de *chaves* para enfrentar as situações mais diversas, problema, aliás, que é comum a todo processo cultural dos mais baixos aos mais altos níveis: estamos sempre aprendendo novas *chaves* para prosseguir nossa formação cultural.

A semelhança do processo com o que propusemos para o ensino secundário em nossa *Escola Secundária Moderna* (Fundo de Cultura) chamou-nos a atenção para esta técnica, motivo pelo qual procuramos acompanhar de perto todos os lances e peripécias da implantação do sistema. Acreditamos mesmo que, quando amortecerem os efeitos da crítica emocional de que foi o objeto, este processo se generalize através dos organismos internacionais, senão pelas razões técnico-pedagógicas que garantem sua eficiência, pelo menos, por ser uma autêntica atividade *para adultos*.

NORMAS DE APLICAÇÃO

I. Características básicas

1. Não necessita de cartilha: o trabalho de alfabetização pode ser feito no quadro negro, numa parede com carvão, com fichas pré-fabricadas, com projetores (a melhor forma, evidentemente) etc., conforme os recursos locais. É, portanto, método que pode ser popularizado independentemente de grandes recursos financeiros, dependendo apenas da boa vontade da pessoa que deseje contribuir para eliminar o analfabetismo do Brasil. Jornais e revistas de grande circulação poderiam incluir em suas edições o material básico para uma campanha nacional de alfabetização.
2. É um método cujo material é de origem local. Usa, para alfabetizar, o vocabulário mais empregado pelo povo da localidade (*palavras geradoras*). Na escolha das palavras deve-se ter dois cuidados básicos com os vocábulos selecionados:
 - a) serem palavras de alto cunho sociológico e referentes aos aspectos da vida que mais emocionem o grupo de analfabetos. Assim, sentirão eles sua própria vida discutida na hora da alfabetização. Se não forem palavras ricas de vivências, não darão azo à *discussão* que é fundamental para gerar interesse e ligar a alfabetização aos problemas do indivíduo e da comunidade. Motivar os analfabetos foi sempre o grave obstáculo das campanhas de alfabetização!
 - b) serem palavras que, em sua sequência, cubram todos os *fonemas da Língua Portuguesa*, de modo que, através delas, sejam estudadas todas as

dificuldades da *leitura*. O somatório das sílabas em que se decompõem as palavras deve equivaler ao total de situações fonéticas da língua. Seleccionam-se palavras através de uma pesquisa do *universo vocabular* da comunidade, mediante entrevistas prévias com os grupos que serão alfabetizados. Uma equipe técnica, depois, seleciona as palavras que cubram a variedade de fonemas da língua, explorando assim as dificuldades da leitura, dando preferência às que demonstraram maior expoente sociológico.

3. As palavras geradoras (ou *alfabetizadoras*, digamos assim) devem ser apresentadas num contexto sociológico (uma cena local que possa ser resumida pela palavra). Este contexto figurativo dá sustentação psicológica à palavra na mente do analfabeto, permitindo que ela gere outras palavras e funcione como *chave*.

(A palavra *labuta*, p. ex., – apresentada numa cena constituída por pessoas pobres que trabalham, além de corresponder, psicologicamente, a uma vivência corriqueira – serve de *chave* para a leitura de cerca de 250 outras palavras formadas de sílabas cujos fonemas sejam variações dos que a constituem, fato verificado inúmeras vezes nos *círculos de cultura*: “tabula, lata, bula, tala, tabu, bota, luta, tuba, bole, taba, etc. – tudo de acordo com a técnica da *ficha da descoberta* que se exporá logo em seguida).

4. As palavras são apresentadas através de uma figura: com apoio na figura deve ser feita a discussão com o grupo (de cerca de 20 pessoas) que está sendo alfabetizado. O papel do coordenador (alfabetizador) é fazer o grupo *explorar* a *figura* em todas as dimensões possíveis. Quanto mais vivo o debate, quanto mais ideias aparecem, mais rico é o processo de tomada de consciência e de fixação da *palavra chave*. O coordenador apenas estimula a discussão do grupo. Não tem importância (é até bom) que a discussão seja prolongada e viva. O coordenador deve ser um *agente promotor da discussão* e um atento *observador* para interpretar as dificuldades que o grupo tenha em expressar-se. Não deve deixar que nenhum dos membros do grupo fique calado. Deve interpelar a todos. Deve estimular que falem. Deve fazer perguntas esclarecedoras. *Não deve dar suas próprias opiniões*. Deve tentar prolongar o debate, sempre apontando para a figura e mostrando os aspectos que não foram percebidos. Quando a discussão tiver esgotado o tema, chamará a atenção para a palavra que está contida *com certa discricção* na parte superior da figura. Explicará, então, que uma cena *viva* pode ser *pintada*. *Uma cena pintada* pode ser *falada* (discussão) ou *escrita* (leitura). Explicará, então, que uma cena como a apresentada pode ser: a) *vivida* (donde a necessidade de ser real e familiar ao grupo); b) *pintada* (como aparece no cartaz que tanto interesse despertou); c) *falada* (como aconteceu durante a discussão do grupo); e, finalmente, d) *escrita* (o que constitui a leitura) levará o grupo a compreender que a alfabetização tem algo a ver com a sua própria vida diária. Começará, então, a colocar a *leitura* no contexto das vivências do

analfabeto perguntando por que quer alfabetizar-se e o que fará com o domínio da técnica da leitura etc. etc. Naturalmente, a riqueza pedagógica desse momento dependerá da habilidade do coordenador em explorar a situação para que todos se pronunciem. Para que todos digam suas finalidades. Para que todos participem do grupo. O coordenador deve lembrar que os analfabetos podem estar *inibidos*, bloqueados. Deve criada situação *simpática* para que todos estejam à vontade. Perceber o valor e a função da leitura é fundamental para garantir a frequência e entusiasmo do grupo.

5. A alfabetização, pois, realiza-se em situação de *grupo*. Quem alfabetiza não é o coordenador: o próprio grupo se alfabetiza pela discussão. Isto é fundamental. Daí o coordenador dever ser a pessoa inteligente que estimule e não iniba o grupo. Se for feita a discussão na penumbra, melhor, porque as pessoas do grupo perdem mais facilmente a *inibição* (compare-se a situação com o gabinete da psicanalista).
6. Apreendida a *palavra*, passa-se aos fonemas (sílabas). As sílabas são apresentadas como chave de um *enigma* (charada, problema) que deve ser *decifrado* pelo grupo. O grupo deve ser estimulado pelo coordenador a *descobrir novas palavras*, a *fazer palavras*, a *encontrar semelhanças e diferenças*. Não se diz que tal letra é de tal forma: pede-se que o grupo descubra a diferença entre um J e um T, entre um A e um E etc. *É sempre o grupo que deve descobrir a forma das letras, das sílabas, das palavras: é o melhor exercício de fixação*. Deixar que eles usem seu próprio vocabulário para *descrever as sílabas*, com as comparações a que estão acostumados: aceitar a linguagem do analfabeto.
7. Os fonemas apresentados numa aula são copiados numa ficha e dados a cada participante para levar para casa onde tentarão formar novas palavras. Veja-se, portanto, que não se apresenta ao analfabeto algo para ler, *mas material silábico para ele fazer palavras: é atitude inteiramente nova em alfabetização*. Em vez de um homem passivo diante do texto, temos um homem ativo construindo *palavras* com as *chaves* (sílabas) que ele descobriu na palavra geradora. *Isto é fundamental no processo*.
8. *A escrita é concomitante* (geralmente, feita como *dever de casa*). Logo que se apresenta uma palavra, no próprio ato de *visualizá-la*, começa-se, inconscientemente, a ensinar a escrita. Quando o analfabeto descobre que (por exemplo) o J é “é um poste com uma voltinha embaixo” (lá em sua forma pitoresca de comparar) já aprendeu, psicologicamente, a escrever. Falta apenas *treinar a reprodução gráfica*, o que poderá ser feito em classe ou em casa. Para ensinar a escrita, pois, o coordenador terá que fazer o grupo *estudar cada letra*. A melhor maneira de estudá-la é perguntar: “*Com que se parece um G?*” ou então: “*Qual a diferença entre E e F?*”. Cada detalhe da letra deve ser estudado para facilitar a escrita. Todo homem analfabeto sabe riscar na areia, p. ex., uma

marca de gado: (ferro – como eles dizem) porque não saberia reproduzir uma letra que foi *estudada em grupo*? (Usar sintematicamente a comparação).

9. É inteiramente diferente, pois, o comportamento do professor (do coordenador) no método: nada é feito por ele, tudo é feito pelo aluno. Seu papel é fazer *ver aquilo que o analfabeto não viu*. Aliás, esta técnica é hoje adotada nas escolas de qualquer grau... Não se põe o analfabeto diante de um texto que deve ser decorado, mas diante de um problema (ou de uma *codificação*) que deve ser resolvido pelo grupo (*decodificado*). Esta forma de agir dá dignidade ao grupo, faz-lo sentir-se importante, participante, construtor, desafiado diante de uma situação que exige resposta inteligente. O período de *visualização* e de *decodificação* deve ser tão longo quanto necessário para fazer comentado pelo grupo todos os detalhes da *situação*.
10. O professor (o coordenador) deve alternar as perguntas, ora visualizando o *detalhe*, ora chamando a atenção para o *conjunto*.² A percepção é uma *gestalt*, uma estrutura, uma totalidade: só se fixa se for transformada em situação *total* (ponto importante que o método catequético, heurístico etc. não levaram em conta). É a estrutura *que sustenta a permanência da aprendizagem das pessoas*. É por isto que o método é tão eficiente: não se ensinam milhares de detalhes, mas alguns conjuntos (*palavras geradoras*) que servem de *chave* a toda leitura. Eis por que com tão poucas palavras se pode alfabetizar. Pelos demais métodos, é quase necessário aprender a ler *cada palavra de per si*.

II. Período inicial de motivação e tomada de consciência

1. O método não lança o analfabeto, de chofre, no processo alfabetizador. Inicia-se por longo período de motivação e tomada de consciência. A maioria das pessoas analfabetas não está muito interessada em alfabetizar-se. É preciso que o homem compreenda que seu analfabetismo é uma diminuição de sua dignidade de homem. Que está fechada para ele uma porta fundamental por onde entra a Cultura. É preciso que ele venha a ter pejo de ser analfabeto.
2. “Todos os homens foram feitos iguais”, diz a doutrina cristã, dizem as Constituições. Mas na prática o que existe são pessoas, psicologicamente dominadas e pessoas dominadoras. É preciso, pois, transmitir, inicialmente, ao homem analfabeto a convicção de que todos nós somos iguais e que não deve haver homens privilegiados em face de seus irmãos. A leitura assim é a porta que abre caminho para o mundo que estava vetado ao analfabeto. Então é ocasião de se falar sobre conceito de Democracia, como sistema de governo em que todos deliberam através de seus representantes.

² O processo assemelha-se ao comportamento do “camara-man” ao filmar uma sequência.

3. Em geral, os analfabetos são profundamente pessimistas e fatalistas. “A sorte Deus é quem dá”. “Eu não tenho estrela”. “Quem quer ser grande nasce viçoso” etc. etc. – dizem eles. Este fatalismo faz deles subhomens. É preciso, pois, mostrar a cada homem que ele tem a dignidade de rei da Criação. Seus molambos encobrem o mais perfeito ser do Universo – o *Homem*. Estes *slogans* ou provérbios são uma forma verbalizada de autodefesa diante das probabilidades de fracasso em qualquer esforço. O nosso Jeca Tatu já dizia: “Plantando, dá...”, como se dissesse que não valia a pena plantar. É preciso, pois, fazer o grupo escapar a esse mórbido fatalismo que bloqueia qualquer atitude de esforço.
4. Não têm os analfabetos a ideia de que são criadores. Que criar é típico do homem. Que não importa o tipo de criação. Todas dignificam o homem. A panela de barro feita pela velhinha encarquilhada é obra de criação equivalente ao poema ou à sinfonia do artista. Que criar fá-lo imagem e semelhança de Deus: isto deve ser transmitido ao analfabeto, através da discussão do grupo.
5. O analfabeto não sabe que a roupa de couro que fabrica é Cultura. Não sabe que a casa que constrói é Cultura. Pensa que há homens que tem *poder mágico* e que são os *donos do mundo*. Não tem sequer coragem de criticar. O mundo para eles é uma Magia incompreensível. Não são, pois, de fato, Homens. São objetos manipulados por outros homens. É preciso, pois, primeiro fazê-los descobrir sua dignidade e mostrar que eles podem ser donos de seu destino, fazê-los compreender que o homem não é um brinquedo na mão da natureza, mas que pode controlá-la e por suas forças a serviço dos objetivos da humanidade. Se isto não é possível, se os acontecimentos independem de sua vontade, qualquer esforço é inútil... Neste caso, para que aprender a ler?
6. Deve crer que Democracia é o regime do Homem Comum. Que todos podem dirigir sua vida e a de seu grupo. Que o Bom Senso Natural pode conduzir o homem em seu caminho: para isto ele mesmo (analfabeto) recebeu inteligência de Deus. Que para participar da vida nacional tem que adquirir instrumental de participação como a leitura.
7. É preciso convencer o analfabeto de que ele é o ser mais perfeito da criação. Que ele pode dominar a natureza e pô-la a seu serviço. Que tudo que homem constrói é uma forma de domínio da natureza. Que à medida que o homem se torna mais poderoso pela acumulação da cultura (fazer casas, pontes, poemas, sinfonias, etc.), a natureza se torna sua serva. Que é preciso enfrentar a natureza como Rei da Criação. Que o instrumento fundamental para este domínio é a leitura.
8. O analfabeto não sabe que já é culto: e ele sabe tantas coisas que os *homens cultos* não sabem! Perguntem ao pedreiro do grupo como se faz uma casa: ele dará verdadeira lição ao grupo. Cada membro deve saber alguma coisa: basta o coordenador explorar este aspecto da cultura do grupo. Convencido disto, dar-

se-á um fenômeno de euforia, de autoconfiança e estará ele motivado para a aprendizagem da leitura, esta porta para outra forma de cultura.

9. Produz-se, assim, um desequilíbrio psicológico na tranquila segurança do analfabeto: ele já não é mais conformista. *Ele sabe agora que sabe*. Ele sabe agora que já vem dominando a natureza. Ele sabe agora que é um Homem como os outros. Ele sabe agora que estava *passivo* e que pode ficar *ativo*. Ele sabe agora que é dono do mundo. – É um Homem.
10. Está, então preparado para o esforço tremendo de alfabetização. Está motivado. Está alegre porque entrará, pela leitura, num Mundo Novo. Não teria sentido alfabetizar apenas para “ferrar o nome” como eles dizem: é uma nova vida que se inicia com a alfabetização. O coordenador que não conseguir este estado de espírito de seu *círculo de cultura* é melhor parar: nada estará fazendo, realmente, pelos seus irmãos e, provavelmente, não conseguirá alfabetizá-los.
11. Apresentado cada quadro, deve o coordenador do *círculo de cultura* levar o grupo a *visualizá-lo* antes de proceder à discussão. Visualizar é perceber o significado do conjunto e a funcionalidade de cada uma de suas partes. *É ajudar a “ver”*, mas ver para além das aparências. É o que se chama, em psicologia, *leitura da experiência*. A perfeita visualização decorre de uma “atividade perceptiva” em que todos os aspectos figurativos são analisados e criticados, com a dupla finalidade de fixação da cena apresentada e de preparação do grupo para a fase seguinte. Terminada esta, inicia-se a discussão, funcionando o coordenador como estimulador.

III. Quadros iniciais de conscientização e motivação³

1. O HOMEM DIANTE DA NATUREZA E DA CULTURA (Casal, de costas para o espectador, contemplando uma paisagem que contém casas, obras humanas, pássaros, animais, árvores etc.). Que é obra do homem? Que é obra da natureza? Como modifica o homem a natureza? Como faz cultura? Por que faz o homem cultura? Por que modifica a natureza? Como se guarda a cultura? Como se transmite a cultura? Como a natureza se reproduz? Qual a diferença? *Feitas estas perguntas, deixar o grupo discuti-las amplamente.*
2. UM ÍNDIO ATIRANDO UMA FLECHA NUM PÁSSARO QUE VOA. Que é um índio? Que instrumentos usa? Que é um pássaro? Qual a relação entre o pássaro e o índio? Por que atira no pássaro? Com que atira? De onde tirou o

³ Estes quadros podem ser recortados de revistas, desenhados, projetados de acordo com os recursos locais.

arco? Como fez o arco? O arco é cultura? Como se veste o índio? Etc. etc.
Estimular a discussão, resumi-la.

3. UM CAÇADOR MATUTO (TABARÉU) CAÇANDO DE ESPINGARDA. Qual a diferença entre este quadro e o anterior? A diferença entre o selvagem e o civilizado? Por que são diferentes? Por que usam instrumentos de caça diferentes? Como se vestem? Qual o mais poderoso diante da natureza? Por quê? Etc. etc.etc. *Interpretar as observações.*
4. UM GATO CAÇANDO UM RATO. Qual a diferença entre um índio, um tabaréu e um gato que caçam? Pode-se dizer que aí há três graus de Civilização? Qual o mais hábil? Quais as diferenças entre os três? Por que são diferentes? Que é mais humano? Por que o homem deixou de caçar? Que substitui hoje a caça? Como se chama esta transformação? Como é melhor? Como o índio? Como o gato? Ou como o caçador? Ou como hoje? Por que? *Provocar a emulação entre os membros do grupo.*
5. UMA MULHER DEBAIXO DA TENDA DE PALHA FAZENDO LOUÇA DE BARRO. Qual a diferença entre a mulher e os caçadores dos quadros anteriores? Das pessoas presentes quais são como a mulher? Quais são como o caçador? Como será a vida de cada um desses personagens? Como será que eles vivem? Que existe por trás destas atitudes? Esta mulher está fazendo cultura? Quem mais faz cultura? No grupo, todos fazem cultura? Quem é mais adiantado: a mulher, o caçador ou o índio? Por quê? Esta mulher sabe ler? E se soubesse ler? Ela é feliz? O índio é feliz? *Comentar a melhor observação.*
6. UM PRATO, UMA MORINGA, UMA PANELA, TUDO DE BARRO, PRODUTO DO TRABALHO DA MULHER. Isto é natureza ou cultura? Quem fez estes objetos? Quando morrer esta mulher, ficarão as obras que fez? Por que ela faz louça de barro? Quando ela termina seu trabalho, que acontece com os objetos que ela fez? Na panela, no prato, na moringa, está a mulher? Ou estas coisas não são mais dela? E se ela vender estes objetos ou doá-los? Ela vende os objetos que faz no seu trabalho? Esta mulher podia fazer uma cidade? Um automóvel? E os operários que fazem geladeiras, mesas, casas, são como esta mulher? De quem são as coisas que o homem faz? Quem fez todas as coisas que existem no mundo? Por que o homem faz coisas? Por que não ficou como o índio em sua maloca? Por que todos os dias aparecem novas coisas feitas pelo homem? Por que uns homens têm coisas e outros não? Por que as coisas que homem faz podem ser vendidas? Vender é perder a autoria dos objetos? E os homens que fazem coisas para outros homens? Cada membro do grupo diga o que sabe fazer. *Desbloquear os inibidos.*
7. DOIS CANTADORES TOCANDO VIOLA E UM RÁDIO AO LADO. O homem faz apenas coisas? Um compositor de sambas faz coisas? É uma coisa um samba? Um cantador é também um produtor? Por que uns homens fazem cantorias, versos, livros, discursos e outras coisas, estradas, objetos? As coisas

que o cantor e o escritor fazem podem ser conservadas como uma casa? Quando você ouve um cantor, um sambista, um discursador, o que ele diz passa a ser seu ou deles? Como pode um samba feito por um sambista vir a ser de todos? Um rádio é uma coisa? Como fala e canta? Qual a diferença entre um rádio e um livro? Para que servem os livros? Como os homens podem guardar tudo que inventam? Quem lhes ensinou sua profissão? Você ensina sua profissão a outro? A quantas pessoas? Que é ser professor? Você é um professor quando ensina ao outro sua profissão? Um livro pode ensinar uma profissão? Que pode ensinar os livros? O rádio ensina? Quem fala no rádio? O jornal ensina? Quem escreve no jornal? O rádio diz sempre a verdade? *Alternar perguntas individuais com perguntas gerais dirigidas a todo o grupo.*

8. UM VAQUEIRO DO NORDESTE. Por que este homem se veste de couro? Por que vocês não se vestem de couro? Por que você (olhando esta figura) sabe que é um vaqueiro? Pode-se saber de onde são as pessoas olhando como se vestem? Por que variam as roupas das pessoas, as casas, os alimentos que comem? Os operários das fábricas usam roupas típicas como os vaqueiros? *Fazer resumo das opiniões expendidas.*
9. UM GAÚCHO DE BOMBACHAS. Por que este homem se veste diferente do vaqueiro? É ele também um vaqueiro? Por que cada pessoa deste círculo se veste diferente? Como se chama a maneira que cada pessoa tem de se vestir, de fazer suas casas, de comer, de adorar a Deus? Todos deviam vestir-se iguais? *Contrapor as opiniões discordantes.*
10. UM CÍRCULO DE CULTURA. (Uma porção de pessoas, o coordenador, um quadro negro ou uma figura, todos discutindo). Que fazem estas pessoas? Que querem elas? Por que estão assim? Que discutem? Por que discutem os homens? Todos os homens têm as mesmas opiniões sobre as coisas? Devem os homens discutir? A discussão divide os homens? Os homens devem ser unidos? Eles querem aprender a ler? Você quer aprender a ler? Para quê? *Resumo geral.* Preparar o grupo para a primeira aula de alfabetização. Pedir que cada membro do grupo cuide de um companheiro, quanto à frequência e o aproveitamento. Fazer subgrupos.

IV. Explicação final

Estes quadros foram planejados para levar o indivíduo ao desejo e à necessidade de aprender a ler. Através deles, o coordenador deve fazer o grupo discutir toda a realidade. Se a discussão se encaminhar para temas *fora do quadro* não tem importância: é até sinal de vitalidade do grupo. Quanto mais tempo e mais ricamente o quadro for discutido, melhor será o coordenador. Quando terminar este trabalho, o grupo estará homogêneo, já se entende, já fez uma espécie de catarse de seus problemas, está ansioso para ver se pode mudar. É hora, portanto, de aprender a ler. Não uma

leitura para *votar*, para *assinar o nome* – mas, para ser mais cidadão, mais homem, mais participante, mais culto.

IV. A TÉCNICA DE ALFABETIZAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

O grupo de *palavras geradoras* retiradas do universo vocabular devem atender a dois princípios:

- a) corresponder à vivências do grupo para permitir ampla discussão nos *círculos de cultura* (aula) e
- b) resolver todos os problemas fonêmicos de língua portuguesa, isto é, conter todas as situações de leitura.

OBS. O método é silábico. Seve a palavra geradora apenas de contexto gestálico de onde se retiram as sílabas. A palavra é assim como uma chave que permite pelo desdobramento das sílabas e das vogais decifrar o texto. Aliás, esta ideia de *decifrar* deve ser a tônica de todo o trabalho: o coordenador deve estar sempre propondo um problema para ser resolvido em grupo (*método psicogenético* – ver *Escola Secundária Moderna*, L. O. Lima, Fundo de Cultura).

Exemplo de palavras geradoras usadas, em diversas ocasiões, pela equipe de Paulo Freire:

- a) *Cajueiro Seco (Recife)*: Tijolo – voto – siri – biscate – cinza – doença – chafariz – máquina – emprego – engenho – mangue – terra – enxada – classe.
- b) *Tiriri (Colônia Agrícola da Sudene)*: Tijolo – voto – roçado – abacaxi – cacimba – passa – feira – milho – maniva – planta – lombriga – engenho – guia – barra – cão – charque – cozinha – sal.
- c) *Brasília*: Tijolo – voto – farinha – máquina – chão – barraco – açougue – negócio – Sobradinho (cidade satélite) – passagem – pobreza – planalto – eixo – Brasília.

OBS. Assim, como se vê, cerca de 14-15-16 palavras geradoras podem conter quase todos os fonemas da língua portuguesa com todas as dificuldades fonêmicas imagináveis. *É isto que dispensa a cartilha*. No caso, a cartilha é construída pelo próprio grupo à medida que vai, primeiro, fazendo palavras, depois frases.

Cada palavra é apresentada num contexto: uma cena viva é apresentada num cartaz ou num filme contendo, discretamente, *no alto*, a palavra geradora.

PASSOS FORMAIS DO PROCESSO (Como foi feito em Brasília)

- 1º QUADRO – Cena de construção. Operários trabalhando. No primeiro plano, uma mão que levanta um enorme tijolo, projetado pela proximidade que se apresenta ao observador. No alto, discretamente, a palavra Tijolo. O coordenador faz o grupo discutir a cena: Que é isto? Que estão fazendo? Quem constrói? De quem é a construção? Quem são os operários? Quanto ganham? (Em Brasília, como tudo ainda gira em torno de construção, da discussão desta cena nascem todos os problemas do candango).
- 2º QUADRO – A palavra Tijolo, em negrito, num fundo colorido, vermelho como a paisagem de Brasília revolvida pelos tratores. O coordenador faz os alunos compararem esta palavra assim apresentada isoladamente, com a que estava no alto do cartaz anterior. Quase todos identificam a palavra e dizem: “Tijolo”. Insistir muito nas comparações.
- 3º QUADRO – A palavra TI-JO-LO apresentada agora em seus elementos fonéticos, em forma de *sílabas*. O coordenador faz exercícios de *separação de sílabas* através desta e de outras palavras até perceberem que é o movimento de articulação da boca que determina a sílaba. Mandar cada um separar, oralmente, sílabas.
- 4º QUADRO – *Ta-Te-Ti-To-Tu* isto é, o *desdobramento* da primeira sílaba de *Tijolo* através da mudança da vogal. Logo, na discussão, percebem os alunos que a primeira parte (T) é *igual* e a segunda é *diferente* a, e, i, o, u: em todas as sílabas (“pedacinho” como eles dizem) há uma parte igual (isto é o T) e uma parte diferente (isto é a, e, i, o, u). Estuda-se, então, a diferença entre as cinco vogais. Sempre comparando uma com as outras ou com formas conhecidas pelos participantes.

5° QUADRO – *Ja, Je, Ji, Jo, Ju* – repete-se o exercício anterior.

6° QUADRO – *La, Le, Li, Lo, Lu* – repete-se o exercício anterior.

Nesta altura, vai-se perdendo, evidentemente, o contato com a palavra geradora. O coordenador terá o cuidado de *voltar sempre a ela*, em rápidas recapitulações. A palavra *Tijolo* é sempre a *chave* por onde se começa. Sempre voltar no fim do período à palavra *Tijolo* num movimento de recapitulação em sentido inverso.

7° QUADRO –

<i>Ja-Je-Ji-Jo-Ju</i> <i>Ta-Te-Ti-To-Tu</i> <i>La-Le-Li-Lo-Lu</i>	FICHA DA DESCOBERTA
---	--------------------------------

Todas as sílabas geradas com a aplicação das vogais são apresentadas de uma vez. É a chamada *ficha da descoberta: daqui parte todo o processo de alfabetização*. Esta ficha representa uma *Chave de Decifração*, como veremos. Começa-se a identificar as sílabas estudadas nas fichas anteriores. Leitura horizontal. Vertical. Diagonal. De cima para baixo. De baixo para cima etc. Ler em todas as direções possíveis. Todo êxito do método vai depender do bom uso desta ficha. Se não produzir resultados, melhor mesmo é reiniciar tudo de novo, refazendo todas as fases, de modo que o aluno seja capaz de *fazer palavras com as sílabas* que estão contidas na ficha. Vimos em Brasília, na primeira apresentação desta ficha, um candango aproximar-se do quadro e ler, apontando as sílabas correspondentes: “*Tu já lê!*”! Vimos também serem feitas, na ocasião, palavras como *Tijela (Tigela) – Tatu – Lelé – Juta – Jati* – etc. Bem considerado, quando o analfabeto consegue formar inúmeras palavras com esta ficha *já está, tecnicamente*, alfabetizado. O restante do esforço é somente o de fornecer outras *Fichas de Descoberta* (repetindo, rigorosamente, o mesmo processo).

8º QUADRO – *A – E – I – O – U*: é o estudo das vogais, para fazer compreender como são elas que tornam tão rica a *chave*. Voltar ao primeiro cartaz. Recapitular tudo.

9º QUADRO – *Uma figura que mostra um homem à boca da urna, depositando seu voto*. Discretamente, em cima e de lado, a palavra *Voto*.
Repete-se, com a palavra Voto, tudo que se disse a respeito da palavra Tijolo e assim, sucessivamente, com todas as palavras que foram escolhidas para alfabetizar o grupo. Voltar sempre aos cartazes anteriores para que a fixação das aprendizagens feitas vá-se tornando definitiva. Adotar como praxe em cada aula reiniciar, em rápida recapitulação, da primeira palavra geradora.

OBSERVAÇÃO FINAL

Toda a atividade oral é alternada com o processo de escrita: mas, a escrita é feita, predominantemente, em casa, como exercício de fixação, mas sempre em situação de *desafio*: formar novas palavras. O coordenador depois de apresentar a *ficha da descoberta*, entrega a cada aluno um pedaço de cartolina que reproduz a ficha para ser usada em casa, como material gerador de novas palavras. É a *cartilha* que ele usa. Não pode voltar ao *círculo de cultura*, no dia seguinte sem ter feito novas palavras. Por ocasião da correção dos exercícios de casa há amplas oportunidades de recapitular todo o estudo do dia anterior. Fazer os próprios participantes corrigirem-se mutuamente.